

Martha Niklaus

## Martha Niklaus

O trabalho de Martha Niklaus opera nas zonas limítrofes dos encontros que se dão entre o individual e o coletivo; entre o real absoluto da experiência e as imagens que engendramos para fixá-las; entre a memória como arquivo e rastro de nossa humanidade e a possibilidade de um futuro utópico construído pela arte.

Combinando aspectos da arte conceitual, minimalista e experimental, incorporando a performance e vídeo-arte; trabalhando com materiais diretamente extraídos da natureza, do nosso cotidiano ou ainda com sucatas, esta obra não quer se restringir a uma escola, movimento ou tendência artística.

Dentre algumas assemelha-se às produções iniciadas nos anos 60/70, como o Neoconcretismo aqui no Brasil e a arte Povera na Itália.

O seu *modus operandi*, a sua estratégia, é justamente esta – o embate, o ser ação, processo entre arte como experiência do cotidiano e arte como reflexão filosófica; entre o projeto construtivo e o fazer experimental; entre uma arte que se apresenta algumas vezes como pura matéria bruta e outras como obras desmaterializadas em traços ou registros; que abrange tanto o biográfico quanto o universal, que dialoga tanto com as fontes da história da arte erudita quanto com as fontes de nossa cultura popular.



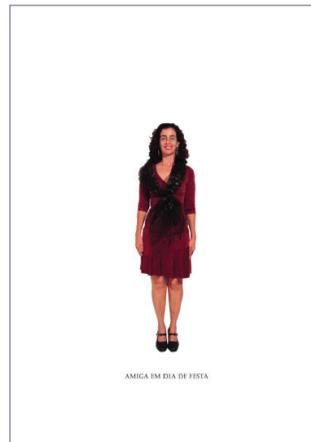
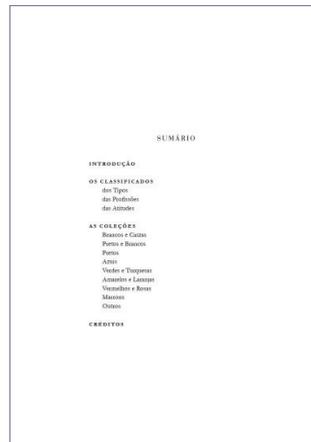
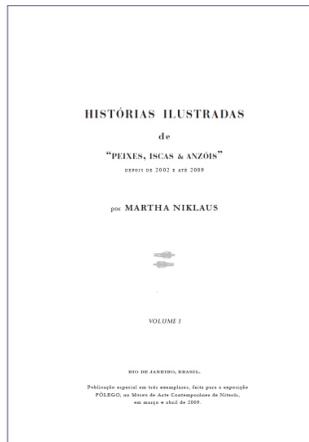
## Martha Niklaus

A arte de Niklaus é sobretudo dialógica, entre sua inquietante busca de apreender o sentido do mundo e de se fazer sentido no mundo.



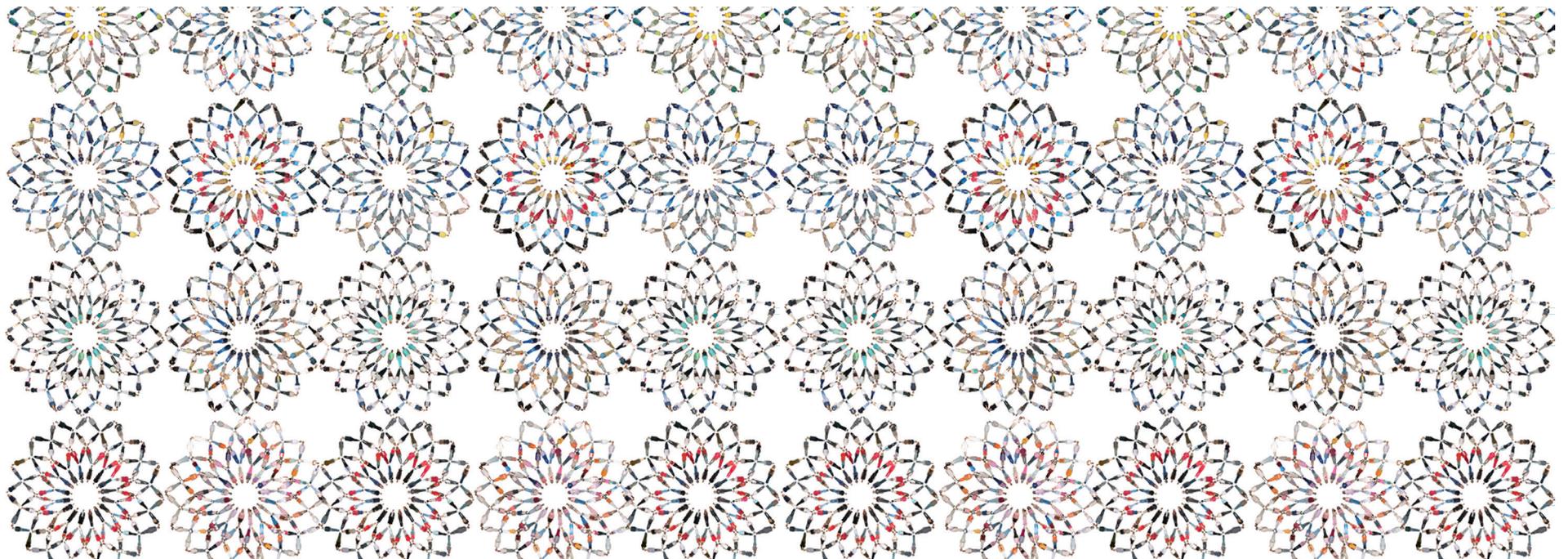
# Martha Niklaus

Esta obra que se quer decididamente Obra Aberta, em sua busca do diálogo com o Outro, com o Social, e com o Aqui e Agora, é, portanto, uma afirmativa de que a arte, esta arte, toda arte, é polissêmica, dialógica e processual. Tal conceito de Obra Aberta (Humberto Eco) define a obra de arte como algo inacabado e garante ao expectador/participante a liberdade de ressignificação contínua do objeto artístico. Neste processo de colaboração sujeito e objeto se *ressignificam* num processo infinito; assim como no entender da artista as pessoas na vida ocupam lugares ora de “peixes” ora de “iscas” e ora de “anzóis”... O que está em jogo é a possibilidade, mesmo que utópica, de um sistema mais fluido e inclusivo no qual grupos impensáveis no *establishment* se formam e desformam.



## Martha Niklaus

Em **Rosáceas**, partindo da mesma premissa, o critério de agrupamento das pessoas se faz pela predominância da cor no sujeito criando padrões geométricos. Subvertendo os critérios que caracterizam os grupos em nossa sociedade, ao invés de subdivisões pelo sexo, gênero, cor de pele, nacionalidade e outros, tem-se os grupos dos vermelhos, azuis, brancos, amarelos, pretos... que vão determinar a inclusão do sujeito em cada grupo. Ao contrário dos critérios excludentes, a cromática do sujeito é totalmente mutável e dinâmica – basta uma troca de roupas para estar dentro de outro grupo.



## Martha Niklaus

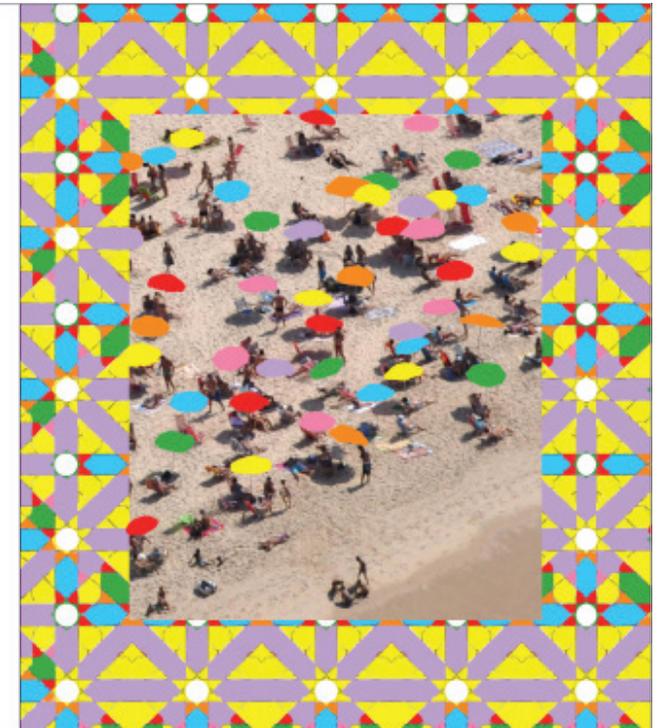
A sua trajetória, a da obra em seu conjunto, não é linear e não indica qualquer tipo de evolução. Se fizermos uma leitura em retrospecto percebemos que as obras se relacionam por caminhos entrecruzados, criando jogos semânticos entre si num *continuum*. O fim de um ciclo é também o início de outro. Obras se referem a outras e questões trabalhadas em séries precedentes são recuperadas e retrabalhadas constantemente, nos oferecendo possibilidades de leituras e de reflexões críticas múltiplas como em um caleidoscópio.



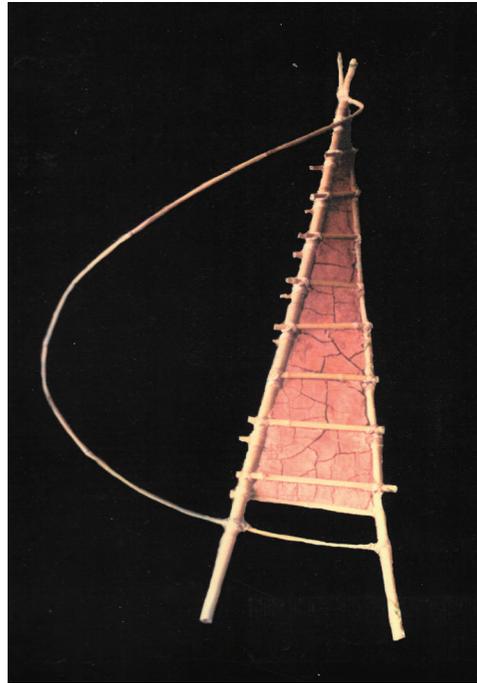
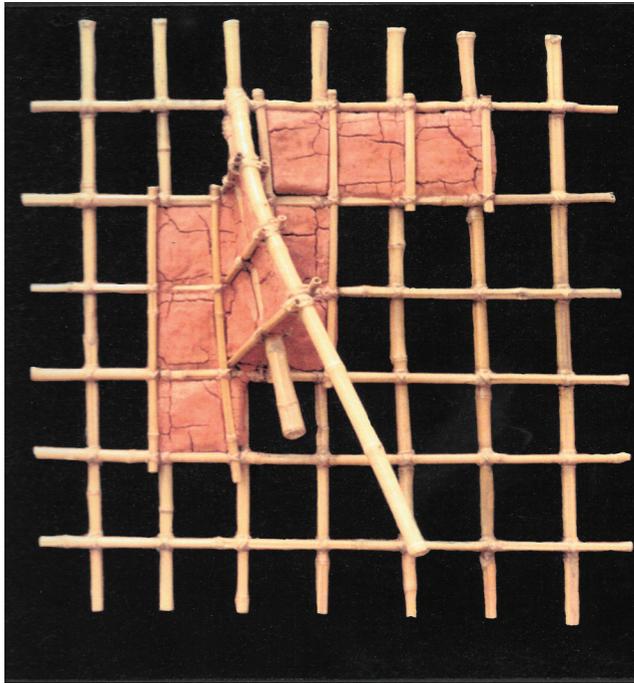
## Martha Niklaus

Apesar de encontrarmos desenhos, pinturas ou esculturas, de fato pouco encontramos de tinta, tela e papel no que chamamos de obra. A escolha de materiais e suportes não se limita ao horizonte restrito do universo da arte. Encontramos sim um pensamento artístico, uma inquietude filosófica, que se realiza quase que paradoxalmente tanto em obras de uma materialidade primitiva e gritantemente crua quanto em trabalhos que provêm de uma materialidade mínima. São intervenções que a artista

realiza seja na natureza, sobre a natureza, em prol da natureza, ou reflexões de como atuamos em relação a nossa própria natureza como seres sociais e políticos, que nos oferecem apenas marcas, rastros e traços através de fotografias ou registros fílmicos. Como por exemplo em **Choque de Cores** onde a questão se deu sobre o uso do espaço público, a intervenção propôs um resgate do colorido da orla carioca denunciando a imposição de uma monocromia nos guarda-sóis da orla do Rio para uso de merchandising.



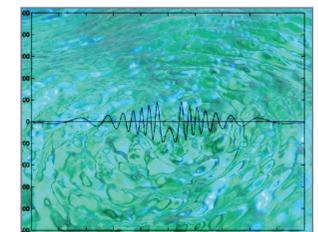
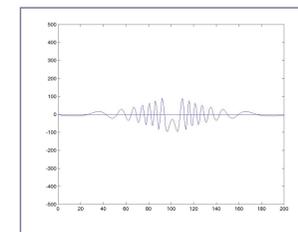
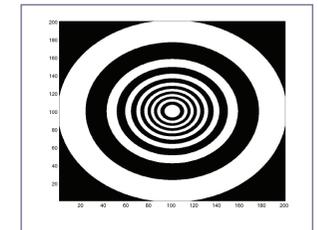
## Martha Niklaus



Nos trabalhos construídos com a materialidade bruta do mundo em terra, pedra, água, fogo, bambu, a matéria não apenas representa a natureza e suas forças, mas quer ser a natureza em si, simplesmente presente no universo da arte. A simplicidade destes trabalhos que podemos associar ao minimalismo que encontramos internacionalmente é, entretanto, mais uma transgressão que Niklaus quer operar nas vigentes tendências da escultura minimalista brasileira dos anos 1980s, que imperava quando ela era ainda jovem estudante no Atelier do Museu do Ingá, aluna então do Haroldo Barroso. Mas este minimalismo brasileiro era, em sua grande parte, produzido com materiais industriais, metal, vidro, borracha, etc., como vemos em obras de escultores seus contemporâneos. A artista que está sempre se buscando individual, ao refletir então na época sobre o jargão deste atelier *'o negócio é a transa com o material'* vai além e pensa *'bom, então vamos às bases disso;vou trabalhar com as propriedades de flexibilidade, por exempl,o do bambu, de como eles se vergam ou não até o ponto de ruptura, ou de como as fissuras do barro se dão quando a água seca'*.

## Martha Niklaus

Em **ponto d**, a artista explora a relação entre a pedra e a água; de como uma pedra ao ser lançada na água vai criar círculos concêntricos de ondas de propagação cinética. Um trabalho que pode ser visto ao mesmo tempo como um jogo lúdico – por exemplo quando uma criança lança pedras num rio, é também explorado através de análises científicas de grande complexidade. Ao trazer para a esfera da arte um acontecimento do mundo infantil ou ao explorar as suas propriedades científicas no universo da arte, ela está criando novos sentidos no mundo e investindo a arte deste poder.



## Martha Niklaus

A sua busca de aproximação da obra com o cotidiano das pessoas e a sua crítica à sociedade de consumo e ao sistema capitalista assemelham-se à estratégia política da arte Povera italiana, a arte pobre, que buscou a desvinculação entre valor comercial e valor artístico.



## Martha Niklaus

Os registros fotográficos ou fílmicos de performances refletem a efemeridade de sua ação e a permanência do conceito que fica impregnado em nossa memória.

Como, por exemplo, no vídeo **SIM**, realizado em um mosteiro budista, que imprime na memória a imagem de um gesto efêmero, contemplativo e espiritual de aceitação e de gratidão Zen.

Paul Valéry assinala que: “Assim como a mão não pode soltar o objeto ardente sobre ela, que sua pele se funde e se cola, a imagem, a ideia que nos torna loucos de dor, não pode arrancar-se da alma, e todos os esforços e os rodeios da mente para desfazer-se delas a atraem até elas” (*Mauvaises Pensé*)

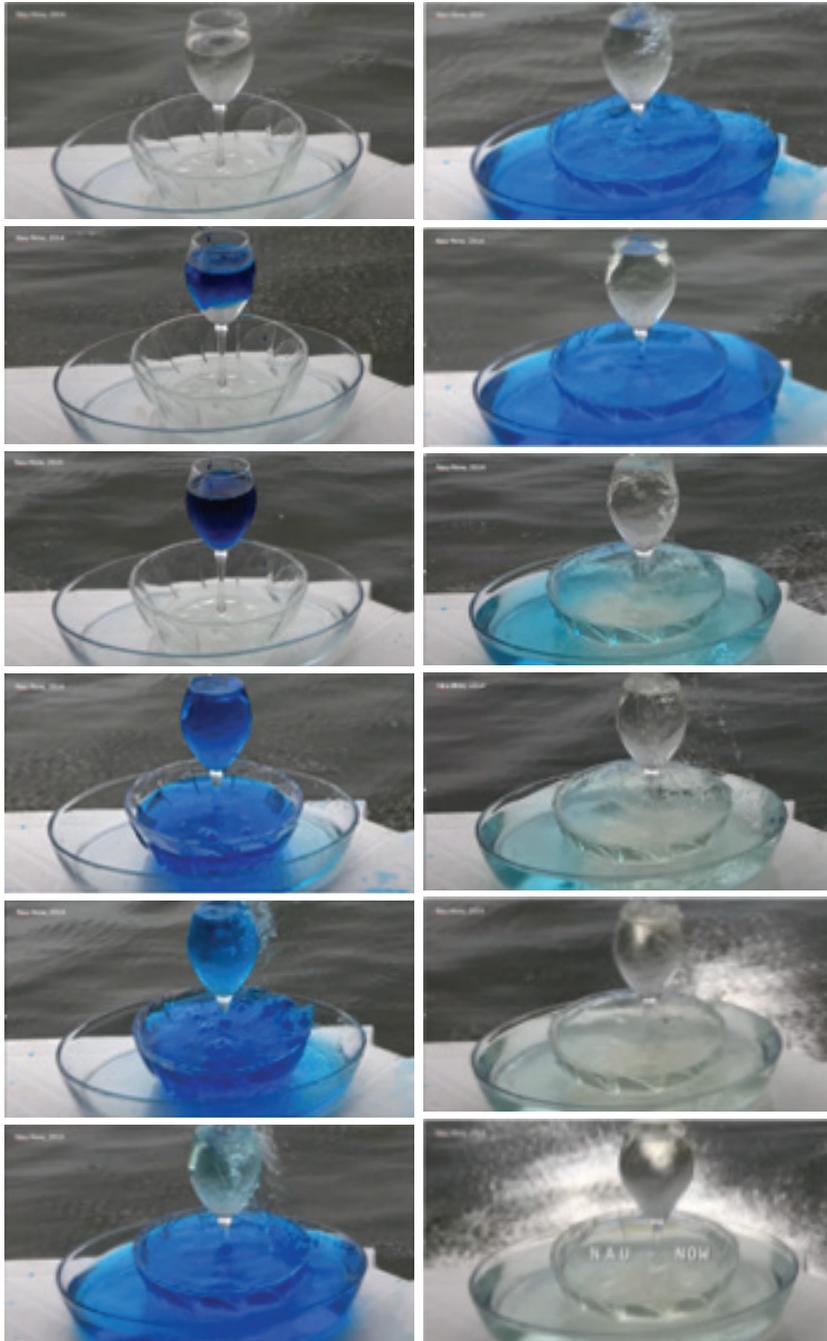


## Martha Niklaus

O vídeo **NAU-NOW**, registro também de uma *quasi* não-ação, uma reflexão sobre a natureza da arte e a arte da natureza, quando o único gesto que realiza é o de gotejar, gotas azuis, num copo com água e depois despeja numa ação contínua trinta e três copos de água sobre o mesmo copo. O copo e o pirex transparentes estão precariamente apoiados na beira de um barco que segue navegando no rio Arapiuns, na Amazônia brasileira. Este trabalho é uma reflexão ecológica e reflexão sobre a natureza da arte como elemento estético, político, social, como linguagem em sua capacidade em “dar-nos a ver” – na expressão de George Didi-Huberman.

Uma das leituras possíveis é que **NAU-NOW** quer nos trazer consciência da nossa transiência, da nossa impermanência no mundo e da voracidade com que destruímos a natureza, o sentido de fluxo, de energia, de desmaterialização.

Em **NAU-NOW**, a cor azul que contamina e interage com a água, se dilui em um movimento cíclico, no movimento da água que cai, no movimento linear do barco no rio, até novamente atingir a seu estado de pureza e translucidez. A arte em sua potência de expressão cria fluxos no mundo.



## Martha Niklaus

Este trabalho está inserido no **Projeto Azul**, uma 'expedição' utópica para a Amazônia que a artista organizou em 2015.

Uma parte deste projeto acontece no contato e nas trocas com a população ribeirinha local. A artista-cronista-viajante levava uma maleta com objetos de ajuda à sua sobrevivência, todos em azul. Ela diz 'fui aprender com eles sobre modos de vida e de sobrevivência harmônica com a natureza', uma reversão da linearidade da história da cultura. Este gesto é quase dadaísta de tão paradoxal, pelo fato do civilizado ir aprender com o nativo. É como a maleta de Duchamp, parte de um projeto utópico e também crítico, que atua no próprio sistema de arte. O ato de ir aprender com os nativos novas formas de cultura é aceitar que nos tornamos os bárbaros da nossa civilização contemporânea.



## Martha Niklaus

Na verdade grande parte do trabalho de artista *per se* se dá como ação no espaço social. Seja este trabalho puramente ação artística individual ou ação comunitária ou de fundo educativo ou de produção de arte para/com outros, eles se reintegram ao seu próprio fazer artístico.

Em sua instância poética e em sua potência crítica, a arte de Martha Niklaus ocupa sem distinção todos os territórios; ela é individual e coletiva, reflexiva e expressiva, minimalista e brutal, presença e ausência, ação e imagem, proposta utópica e reflexo da nossa condição trágica contemporânea. Neste sentido o trabalho é uma ação política.

Ela busca uma redefinição de objetivos abandonando as orientações que nortearam a História da Arte, ocupando lugares múltiplos do fazer e refletir sobre arte, onde não há mais hierarquia entre estes.

Como Martha me disse, *'toda a minha trajetória de vida desde que ainda menina, adolescente, entrei para o atelier da Maria Teresa Vieira está integrada ao meu trabalho como artista, e eu não separo as minhas diversas atuações como profissional das artes da minha reflexão e produção de arte'*.



HORIZONTE NEGRO, BAIÁ DE GUANABARA, 2015, VÍDEO E MANIFESTO

## Martha Niklaus



Uma característica que sempre me surpreendeu nestas três décadas em que venho acompanhando o seu trabalho é a integridade com que a artista vive no seu cotidiano os mesmos princípios com que produz a sua arte.

Arte e vida se complementam e são indissociáveis.

Ao lançar o livro, em que reedita a coletânea de exposições que organizou durante uma década enquanto responsável pela programação da Galeria do Lago (Museu da República RJ) ela faz uma performance, em que desfolha as centenas de páginas do livro que produzira e sai de cena.

Considero que a capacidade de transformar este conflito de funções numa obra, ainda que catártica, revela uma maturidade na arte que foi também conquistada na vida.

Ao abordar o universo da arte de Niklaus, me deparo com uma produção que opera nos limites, come pelas beiras, perfaz o malabarismo nessa linha imaginária que limita os campos entre a arte e a vida; acho que a obra de Martha veste a camisa, ou toma a bandeira Oiticiquiana, da arte como 'exercício experimental da liberdade'.

